



**INFÂNCIAS, HISTÓRIAS E MATERIALIDADES:
O contar histórias através do espaço**

**INFANCIA, CUENTOS Y MATERIALES:
Contando historias a través del espacio**

**CHILDHOOD, STORIES AND MATERIALS:
Telling stories Through Space**

Flávia Janiaski Vale¹

<https://orcid.org/0000-0003-0325-739X>

Meirinês Severino de Oliveira²

<https://orcid.org/0000-0002-4852-9750>

Resumo

Este artigo traz uma reflexão das ações artísticas e pedagógicas desenvolvidas com três turmas da E. M. de Educação Infantil Jean Piaget em Uberlândia/MG. As experimentações investigaram a importância da ambientação cênica e das materialidades na construção de contações de histórias com a primeira infância, partindo-se do pressuposto de que as crianças podem participar, contar e narrar histórias por meio de uma organização espacial e do uso de objetos, como um recurso pedagógico, além de ser uma ação fruidora de processos artísticos e motivadora do desenvolvimento das crianças, abrangendo as questões físicas, cognitivas, emocionais e sociais.

Palavras-chave: ambientação cênica, contação de história, educação infantil.

Resumen

Este artículo reflexiona sobre las acciones artísticas y pedagógicas desarrolladas con tres clases en la E. M. de Educación Infantil Jean Piaget en Uberlândia/MG. Los experimentos investigaron la importancia de la escenografía y las materialidades en la construcción de narraciones con la primera infancia, partiendo del supuesto de que los niños pueden participar, contar y narrar historias a través de la organización espacial y el uso de objetos, como recurso pedagógico, además de ser

¹ Professora Adjunta do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD e professora colaboradora do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal de Uberlândia – Prof-Artes/UFU. Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC e doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia/UFBA. flajaniaski@hotmail.com.

² Professora na Rede Municipal de Uberlândia/MG, na EMEI Jean Piaget. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Triângulo. Mestre em Artes Cênicas pelo Prof-Artes - Universidade Federal de Uberlândia-UFU (pesquisa concluída em 2022), sob a orientação da professora D^a Flávia Janiaski. meiriness@yahoo.com.br

una acción que disfruta de los procesos artísticos y motiva el desarrollo de los niños, abarcando aspectos físicos, cognitivos, emocionales y sociales.

Palabras clave: escenografía, narración de cuentos, educación infantil.

Abstract

This article reflects on the artistic and pedagogical actions developed with three classes at E. M. de Educação Infantil Jean Piaget in Uberlândia/MG. The experiments investigated importance of scenic setting and materiality in the construction of the storytelling to Early Childhood Education, since the premise these children can participate, tell and narrate stories through the space organization and the objects use. Through spatial organization and the use of objects, as a pedagogical resource, in addition to being an action that enjoys artistic processes and motivates the development of children, covering physical, cognitive, emotional and social issues.

Keywords: scenic setting, child education, story telling.

Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservaria, a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. (SHAKESPEARE, 2000, p. 54).

Nomear é a ação de imaterializar o ambiente externo através da percepção do que é importante, do que causa ausência, tornando anímico o material. Moreira (2010, p. 216), diz que nomear é designar alguma coisa, um exercício de identidade, algo que faz parte da vida humana. A nossa noção de ‘eu’ é forjada na interação entre o nosso nome e a história que está por trás da sua escolha, nomear é, portanto, uma forma de “dar vida”. Por isso, apesar do cheiro e esplendor da “rosa” não dependerem de seu nome e de Romeu ser um romântico sonhador mesmo não sendo um Montecchio, ambos são definidos pelos nomes que receberam e perpetuaram e em ambos existe uma história e um significado, que os identifica e qualifica previamente. Para Moreira (2010), o ato de nomear se relaciona às funções da linguagem e da representatividade, que fazem parte do processo de interiorização, portanto, não é uma palavra qualquer. Ao determinarmos nomes, eles necessariamente veem acompanhados de significados e de uma história.

Todos temos uma história por trás da escolha de nossos nomes, e estas histórias fazem parte da vida das crianças no ambiente familiar e escolar, estas histórias constituem e se

relacionam com as experiências de vida dos pequenos e suas peculiaridades, pois somos formados por histórias. As histórias, sejam em forma de contos, lendas ou poemas, em geral, fizeram parte da infância de uma maneira lúdica. Como ressalta Coelho (1997), somos frutos das nossas histórias:

Afinal, quem não se lembra de alguma história ouvida na infância? Perde-se na noite dos tempos – ou seria madrugada? – a origem de narrar. Fico a pensar no homem primitivo, à entrada da caverna, noite de luar, fogueira acesa para aquecer o corpo. De que falariam entre si? Da faina do dia, caçadas, peixes que pescaram, chuva, sol, contendas, troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados. (COELHO, 1997, p. 8).

O lúdico da literatura dos contos pode acontecer em casa ou na escola, mas a maneira como ele acontece vai influenciar diretamente os processos pedagógicos, artísticos e estéticos que as crianças vão construir. A partir disto, começamos a pensar no quanto o espaço e as materialidades podem influenciar os processos artísticos dentro da educação infantil. Foi tentando responder esta pergunta que realizamos uma pesquisa com três turmas da educação infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Jean Piaget em Uberlândia/MG. São os resultados e reflexões destas experimentações práticas que compartilhamos neste artigo que irá relatar três experiências guiadas por uma história sobre o ato de nomear as coisas, espaços e objetos que proporcionaram vivências artísticas, estéticas e pedagógicas com a primeira infância.

A arte da contação de histórias é uma prática muito antiga como afirma Medeiros & Moraes (2015) em que nossos ancestrais narravam seus feitos de caça, divagavam sobre a origem das coisas e do mundo, falavam dos acontecimentos cotidianos para seus familiares, das aventuras que tinham ouvido ou vivenciado, fofocas, os mitos sobre o desconhecido etc. Os ouvintes, por sua vez, contavam para outras pessoas, que as passavam de geração em geração, criando contos, causos e lendas.

Segundo Sisto (2020), o contador de histórias é um artista que se reinventou no século XXI, procurando ocupar novos espaços e descobrir novas formas de contar: em pé, sentando na roda junto com as crianças, com o livro na mão, com o texto na ponta da língua, usando gestos, fazendo caretas, com ambientação cênica, com bonecos etc. Enfim, “de todas as partes veio sempre alguém com uma história na boca, saindo pelos olhos, [...] inventando cenários: um acampamento, uma varanda [...], uma casa de avó, uma sala de aula” (SISTO, 2020, p. 73).

Com o objetivo de investigar o potencial e a relevância da ambientação cênica e das materialidades na construção de contações de histórias com a primeira infância, no espaço

escolar, começamos a realizar uma pesquisa teórica e prática que nos levou a conclusão de que por meio de histórias e materialidades, as crianças podem expressar sentimentos e fatos de suas vidas, que muitas vezes não conseguiriam por falta de oportunidade.

Um simples lenço poderá ser muito versátil. Além de ser um objeto de uso pessoal que você poderá estar usando naquele instante, ele irá brincar com o imaginário. No momento oportuno irá indicar o vento soprando, uma flor desabrochando, uma pena caindo, um barco navegando, uma criança crescendo. (BUSATTO, 2012, p.77)

A forma de contar uma história pode se valer de diversos recursos – tecidos, bonecos, teatro de sombras, avental, objetos, máscaras, etc. – como elementos poéticos e estéticos da cena. Esses materiais são valiosos, pois incentivam o acesso a narrativas diferenciadas.

Contar histórias é falar com o corpo todo, falar de amor, de ódio, alegria, tristeza, medo, angústia, solidão, ternura, carinho e todos os sentimentos inerentes ao ser humano, que sonha para viver e vive para sonhar; dentro de um mundo real e imaginário, em que a fantasia se mistura com a realidade, dando ao contador e à plateia a oportunidade de um momento mágico, quando o pensamento voa e a imaginação se estabelece como realidade dentro de um fragmento de tempo que nos torna, simplesmente, felizes: BRINCANTES. (GARANHUNS, 2015, p. 69).

Parafraseando Cecília Meireles, “a vida só é possível se reinventada” (2013, p. 195), nesse sentido, buscamos reinventar os objetos, a voz, o espaço, para que a contação desperte a ludicidade e o imaginário das crianças, de acordo com os ambientes disponibilizados pelas instituições e pelos profissionais.

Contar uma história é um ato performático, de graciosidade e imaginação, no qual um sussurro de palavras, gestos, emoções e movimentos é capaz de contagiar e estimular o imaginário da plateia, além das imagens, espaços e tempos. Para Medeiros e Moraes (2015), a contação de história é estruturada a partir da narrativa oral e tem grande relevância para o desenvolvimento humano, portanto, é fundamental a sua estimulação e apreciação desde a primeira infância. Essa abordagem vai ao encontro de Desgranges ao argumentar que “quem sabe ouvir uma história sabe contar histórias. Quem ouve histórias, sendo estimulado a compreendê-las, exercita também a capacidade de criar e contar histórias, sentindo-se, quem sabe, motivado a fazer história” (2020, p. 23).

Em busca de um novo olhar para a contação das histórias e para a participação das crianças no espaço escolar da primeira infância, e pensando em como é importante nesta fase o ato de nomear as coisas e se sentir pertencente, escolhemos a história “A Velhinha Que Dava

Nome às Coisas” de Cynthia Rylant (1997), para realizar as experimentações com as crianças de três anos, no EMEI Jean Piaget.

Resumidamente, a história trata de uma Velha que não gostava da ideia de ficar sozinha, pois todos os seus amigos haviam morrido, então, ela começou a nomear as coisas que durariam mais do que ela: seu carro, a poltrona, a cama, a velha casa, a cômoda, o porco de cimento. Ela sabia que não sobreviveria a nenhuma dessas coisas e isso a deixava tranquila. Certo dia, quando estava lavando a lama do Beto, o carro, apareceu um cachorrinho marrom no portão do jardim, mas ela não o acolheu e não quis dar um nome para ele naquele momento. Entretanto, ele voltou à casa da velha algumas vezes e ela o alimentava e o mandava embora. Um belo dia, ele não voltou. Foi quando a Velha sentiu saudades dele e saiu para procurá-lo, encontrou-o no canil da cidade. Ao final da história, a Velha (que também não tinha nome), dá um nome ao cachorrinho, mesmo correndo o risco de sobreviver a ele, e o leva para casa, dando-lhe carinho, atenção e um lar.

A história dialoga com diferentes questões, e de forma potente a narrativa traria a possibilidade de falar com as crianças sobre temas considerados “difíceis”, como identidade, solidão, velhice, a finitude das coisas e medo da morte, que apesar de relevantes, geralmente, não são trabalhados com crianças da primeira infância. Este foi um dos motivos que nos levou a escolher esta história: o fato de que provavelmente ela levaria as crianças a refletirem sobre as fases da vida a partir das vivências pessoais, além de incentivar que contem suas histórias sobre o próprio nome, seus familiares, seus sentimentos e emoções.

Como argumenta Costa, “a identidade unificada é uma construção facilitadora: construímos uma cômoda história sobre nós ou uma confortadora narrativa do eu, ou uma fantasia” (2015, p. 35). Dessa forma, cada criança terá voz e vez para contar sua história de nascimento e da escolha de seu nome. Algo que poderá acontecer em qualquer espaço, na sala de aula, à sombra de uma árvore ou, simplesmente, como relato das crianças criando as próprias brincadeiras.

Cada manhã traz-nos informações a respeito das novidades do universo. Somos carentes, porém, de histórias curiosas. E isto porque nenhum acontecimento nos é revelado sem que seja permeado de explicações. Quase mais nada do que acontece é abrangido pela narrativa, e quase tudo pela informação. Pois a metade da habilidade de narrar reside na capacidade de relatar a história sem ilustrá-la com explicações. (BENJAMIN, 1975, p. 67)

Consideramos a prática de contar histórias como momentos singulares de viajar pelo espaço-tempo, falando dos acontecimentos e possibilitando a participação das crianças no faz de conta do mundo mágico das narrativas, em que a criança poderá imaginar e tecer seus próprios enredos. A contação de história é uma maneira de participar do mundo se expressando poeticamente através das emoções e da ludicidade; é uma performance única, em que a contadora se comunica com seus ouvintes, levando-os a lugares inusitados, cheios de cumplicidade e imaginação. De acordo com Janiaski (2020b), imaginar é

Pensar na realidade não do jeito que ela é, mas do jeito que ela poderia ser, é pincelar com mágica a realidade conhecida e colori-la de possibilidades. Imaginar é uma forma de inventar o impossível. Imaginar a partir de diferentes estímulos sensoriais vai muito além de uma troca de informação, forja vínculos. Construir um sentido para a história a partir destas duas qualidades – imaginação e corpo como ambiente de cognição – é diferente e mais rico do que aceitar um sentido atribuído por outros. (JANIASKI, 2020b, p. 196).

A imaginação é instigada por meio de diferentes combinações, dependendo de como a contadora oportuniza experiências por meio dos estímulos visuais, auditivos e sensoriais oferecidos às crianças.

Um dos aspectos mais importantes na Educação Infantil é o espaço. Para nós, ele deve ser pensando como lugar de investigação, tanto das professoras quanto das crianças. Ou seja, pensar em espaços que possam ser transformados pelas crianças, de acordo com seus interesses e necessidades, a partir das suas interações, enfim, espaços que sejam permeáveis às relações de afetividade, às brincadeiras, à imaginação e ao conhecimento, isso envolve pesquisas e aprendizados construídos ao longo dos anos. Diversificar os espaços é ótimo para a ludicidade, em que o livre brincar pode ser organizado de acordo com os interesses das crianças, suscitando diálogos e aprendizagens.

Nesse sentido, o ambiente escolar da primeira infância deve ser estruturado para incentivar o lúdico, a leitura, a narrativa, a dramatização, o faz de conta e a socialização “o espaço não pode ser fixo e rígido, ele precisa estar em constante transformação, ser flexível e sensível às necessidades das crianças, entende-se o espaço como um organismo vivo que suscita paixões, entusiasmos e criatividade; além de ser uma conquista à brincadeira e à imaginação.” (JANIASKI, 2021, p. 163).

A escola é um espaço de possibilidades, em que as crianças e professoras procuram uma forma diferente de produzir os próprios conhecimentos a partir das suas relações. Logo, esse

ambiente pode ser inovado em cada atividade com os pequenos, os espaços internos e externos são explorados pelas crianças durante o tempo de permanência na escola, dessa forma, eles devem ser planejados de maneira criteriosa, tanto para atender a autonomia, circulação e a segurança dos usuários, quanto para instigar a imaginação, a ludicidade, e a criatividade.

Uma sala de aula organizada em roda e em que ao centro estejam distribuídos objetos, imagens, tecidos, fotografias etc., chegamos a um espaço lúdico que tem o potencial de evocar os mais distintos significados e leituras para cada estudante presente naquele ambiente, de acordo com o capital cultural e a subjetividade de cada aluno. (JANIASKI, 2021, p. 166).

A organização do espaço está naquilo que está exposto nas paredes das salas de aula, na disposição das mesas, cadeiras e objetos de uso pessoal (copo, mochila), são cuidados simples, que muito influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

Performances de contação de histórias em ambientes escolares, principalmente aquelas em que as crianças assumem o protagonismo, criam e narram suas próprias histórias, podem oportunizar momentos de convivência nos quais as crianças podem se aceitar e aceitar os outros em suas diversidades. (HARTMANN; SILVA, 2019, p. 32).

Vale destacar que quando os espaços são ressignificados ou ambientados, é possível às crianças apresentarem seus relatos, sentindo prazer durante a experiência. Por meio da arte e da ludicidade, elas desenvolvem olhares diferenciados sobre o mundo e são valorizadas enquanto seres humanos. Mas que recursos e/ou metodologias podemos usar para ressignificar e transformar o espaço da sala de aula? Para nossa prática pensamos em utilizar a Ambientação Cênica.

Existem muitas metodologias, com diferentes abordagens e suas convenções, estratégias e ferramentas, destinadas ao ensino do teatro para crianças, adolescentes e adultos. Ainda que na primeira infância não se faça propriamente “teatro”, como a maioria entende, a criança joga, brinca, dramatiza, faz de conta, escuta, conta história etc., ações que trazem elementos do fazer teatral.

Ambientação Cênica é uma estratégia geralmente usada dentro da abordagem do Drama³. De acordo com Biange Cabral (2012), pesquisadora que trouxe o Drama para o Brasil, este trata-

³ Para mais informações sobre o Drama consultar: CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2012; PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na Educação Infantil**: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. 296f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015; MENEGAZ, Wellington. Dossiê Perspectiva do

se de uma atividade criativa realizada em grupo, em que os participantes, em um contexto ficcional, experimentam personagens/papéis e situações para, juntos, tecerem uma narrativa a partir da investigação do tema previamente escolhido pelo coordenador do processo ou junto aos participantes.

Dentro da abordagem do Drama, a Ambientação Cênica está diretamente conectada ao contexto de ficção escolhido, este contexto irá delimitar as ações e ferramentas, que podem ser usadas no processo, a partir do contexto ficcional define-se o tempo e o espaço e os participantes investigam papéis e situações.

De forma simples, podemos dizer que a Ambientação Cênica é a transformação física e concreta do local em que ocorrerá o processo de Drama. Uma organização espacial específica, que utiliza objetos e Materialidades, por exemplo, tem potencial para instigar os participantes a entrarem no contexto ficcional proposto, ou seja, trata-se de uma organização do espaço que convida as pessoas a embarcarem no contexto ficcional da história que se quer trabalhar.

Uma ambientação cênica seria materializar elementos que indiquem um lugar ficcional e que contenham indícios das relações que se estabelecem entre este lugar e as pessoas que interagem com ele. Trata-se de uma organização de elementos que realcem os aspectos físicos, sociais e psicológicos de um espaço e consequentemente reforcem sua veracidade, tornando-o convincente e subsidiando o jogo no processo de drama. (FREITAS, 2012, p. 15).

Ou seja, Ambientação Cênica é a transformação do espaço em local da narrativa. Ao entrarem no ambiente, os participantes terão um impacto visual e poderão interagir com ele e com a narrativa proposta, forjando uma imersão no contexto ficcional.

A transformação do ambiente promove múltiplas experiências, além das relações que podem ser estabelecidas com os objetos e materialidades dispostos no espaço. Criar ambientes cênicos, especialmente para a primeira infância, dá a oportunidade de as crianças fazerem suas experimentações e produzirem as próprias narrativas, em um espaço físico palpável.

A criação de ambientações cênicas contribui também com a ampliação da noção de espaço cênico, uma vez que, ao entrarem nos espaços criados muitas crianças percebiam que se trata de um ambiente construído, mas, imersas no contexto ficcional, elas vivenciavam a experiência dramática jogando com o espaço e atribuindo novos significados a esse, dentro do contexto de ficção. (PEREIRA, 2015, p. 153).

Os materiais são indispensáveis para estimular a curiosidade das crianças, que estão no ambiente escolar, e despertar a vontade de ouvir histórias. Uma Ambientação Cênica pode levar os participantes ao mundo da ficção, ampliando seus sentidos segundo o processo histórico de cada um. Assim, essas situações acontecerão conforme a experimentação do ambiente e das materialidades oferecidas.

Nas três experiências realizadas a experimentação com os materiais foi o que mais teve significado para as crianças: manusear, tocar, sentir, cheirar, experimentar, “ver com as mãos”, tudo isso provocou sensações e emoções. Na primeira infância, pegar, ver, sentir, cheirar, são ações muito valorizadas, pois todos os sentidos precisam ser testados durante essa fase.

É importante destacar que as crianças, sobretudo as mais jovens, necessitam da materialidade para sustentarem seus jogos e brincadeiras, justamente porque a imaginação, por si só, não sustenta o jogo. Ainda que elas, muitas vezes, não usem os objetos de maneira real, elas podem tocar, perceber, explorar os materiais para, dessa forma, imergirem na ficção. (PEREIRA, 2015, p. 151).

Acreditamos que o uso de materialidades na contação de história é fundamental para as crianças da primeira infância, justamente por ser uma fase marcada pelas sensações produzidas por objetos concretos. Após todo um estudo teórico sobre ambientação cênica, educação infantil, contação de história e o espaço, partimos para as experimentações práticas, que aconteceram com crianças de 3 anos de idade em três turmas diferentes, aqui definidas de Azaleia, Bromélia e Cravo; no mês de agosto de 2022. Para o registro das atividades, utilizamos como estratégia metodológica a transcrição por foto e vídeo-gravação, por priorizarmos as vivências das crianças e das pesquisadoras, sendo necessário olhar os detalhes, estando atentas às vozes e às sutilezas dos movimentos dos corpos.

O objetivo da pesquisa foi buscar formas de contar uma história para as crianças em que elas tivessem uma participação ativa durante a narrativa, por exemplo, através da manipulação de objetos e da interação com a professora contadora. Desta forma, a Ambientação Cênica foi a maneira que encontramos para propiciar essas experiências, nas quais as crianças foram acolhidas e experimentaram as mais diversas sensações. Para tanto, propomos o uso de materialidades que atraíam a atenção delas.

A ambientação cênica é usada partindo do princípio de que, quando os alunos agem dentro de uma realidade simulada, eles não estão presos a convenções teatrais de construção de personagens e cena, mas estão mais livres para criar, gerando uma representação mais orgânica, que pode resultar em um personagem no decorrer do

processo. (JANIASKI, 2020b, p. 447).

Assim, o espaço, sala de vídeo, foi redimensionado visando uma relação de proximidade entre real e ficcional, para que as crianças entrassem e se sentissem seguras e conectadas com um ambiente cheio de possibilidades imaginativas, geradas por elementos concretos e palpáveis. Ao modificarem o espaço, as crianças fizeram um processo imersivo e intenso. Um espaço organizado, com os objetos escolhidos e dispostos especificamente para um propósito, tem o potencial de estimular os sentidos de qualquer pessoa, mas especialmente das crianças.

Para essa transformação, foi necessário buscarmos materialidades e pensarmos numa Ambientação Cênica que ajudasse a criar essas condições, potencializando a contação de história no espaço de convivência das crianças. As ações propostas visavam a construção do conhecimento a partir do uso de diferentes objetos dispostos no ambiente, transformado em espaço ficcional e imaginativo para que as crianças participassem de forma ativa com suas narrativas.

Assim, o espaço foi reorganizado da seguinte maneira: antes da chegada das crianças foram retirados os brinquedos, as mesas, cadeiras, o tapete emborrachado, cortina *blackout* e a decoração, restando apenas a televisão e a estante com os brinquedos pedagógicos, que fariam parte do cenário.

Foram usados os seguintes elementos para a Ambientação Cênica: cortina xadrez amarela com suculentas na janela; um tapete no centro da sala; almofadas; a estante foi organizada com calendário de ferro, relógio, vaso, baú, livros de história infantil, forros de crochê, mala antiga, potes de porcelana, esculturas de porcelanas, pote de barro e um prato de cobre; dois quadros de fotografias na parede; telefone antigo e agenda sobre a mesa com toalha de crochê amarelo; rádio antigo sobre um suporte de madeira; mesa com forro de crochê vermelho; apoio de prato (*sousplat*) bege, amparando uma jarra e uma xícara esmaltada; e ao lado, uma cadeira de balanço antiga, para a personagem velha se sentar.



Figura 1 – Ambientação Cênica.

Fonte: Fotografia de Silvana Rocha. EMEI – Jean Piaget, 08 ago. 2022.

Além da Ambientação Cênica, foi organizada uma caixa com as seguintes Materialidades: máquina fotográfica, pião, bonecas, bolsa de mão, chave, máquina datilográfica, ioiô de madeira, bilboquê e miniatura de jarra com pires. A configuração do novo ambiente teve o propósito de instigar sensações, emoções e saberes às crianças e adultos, além de aguçar sua curiosidade e imaginação logo que entrassem no recinto.

Quando as crianças chegaram na sala, o espaço estava pronto, portanto, já não era a sala de vídeo, mas a sala da casa da personagem, “Velha”, com uma variedade de objetos para possíveis investigações. Nessa experimentação, as crianças não foram orientadas a ficarem sentadas ou de pé, apenas foram convidadas a entrar no espaço e a explorar as Materialidades oferecidas. A intenção era a vivência ativa dos objetos e da história, que seria narrada em seguida. Ao entrarem, encontraram a contadora de história caracterizada de “Velha”, sentada na cadeira de balanço, que se levanta e vai ao encontro deles, para lhes falar sobre a história de dar nomes às coisas, de acordo com o ritual da história apresentado.

Desta maneira, o caminho para os processos criativo e imaginativo iniciou quando as crianças deixaram o espaço comum, a sala de aula, e foram para a sala de vídeo, para em dado momento experienciarem a contação de história, em que tiveram a oportunidade de interagir com

“livre expressão”, usando a imaginação, o corpo, a mente e o toque. A prática foi organizada em três tempos: ritual da recepção, história contada, explorando Materialidades.

Cabral (2012) afirma que rituais podem ser realizados de diferentes formas e que sempre são manifestações de um coletivo. Segundo a autora, ritual é “um mecanismo para criar uma experiência de identidade ou identificação grupal” (CABRAL, 2012, p. 102). Nessa prática, escolhemos usar o ritual com a finalidade de facilitar que as crianças se sentissem pertencentes àquele espaço e à vida da personagem principal. O objetivo era suscitar a curiosidade e a imaginação, além de um espaço/tempo diferente do habitual, capaz de anunciar a chegada das crianças àquela experiência. O ritual consistia em bater na porta, “toc, toc, toc”, para depois entrar no ambiente sendo recepcionados pela Velha. Segundo Pereira (2015), os rituais podem ser usados de várias maneiras com as crianças da primeira infância. Nessa prática, usamos um “gesto combinado” entre as pesquisadoras e as crianças, uma maneira de instigar a curiosidade delas.

Desta maneira, as crianças foram acompanhadas até o local da contação pela professora da turma. Ao chegarem no recinto, seguiram o ritual de entrada, ou seja, bateram na porta e foram recepcionadas pela professora/contadora vestida com o traje da personagem “Velha”. Esta se levantou de sua cadeira de balanço e recebeu as crianças, apresentou sua casa e as convidou para apreciarem as Australianas (almofadas).

Após entrarem, as crianças foram convidadas a investigarem o espaço, a observarem tudo e a ouvirem a história. No momento da contação, seus olhos examinaram o espaço e os objetos com cuidado; as palavras que ouviram causaram suspense e a imaginação foi ativada, inspirando algumas crianças a participarem da história, enquanto outras silenciavam, atentas a cada gesto e palavra que cruzava seus mundos, fazendo morada e reverberando sentimentos e conexões com a vida. Enquanto narrava, a professora contadora observou os olhares, as reações e interagia com elas, que demonstraram diferentes reações: timidez, encanto, curiosidade, etc., afinal, essa outra maneira de ouvir histórias era uma novidade e elas não conheciam o rito, que lhes permitia participar como agentes e não apenas como espectadores. Elas interagiram ao longo da contação e, ao final, a Velha mostra-lhes a caixa e as convida a nomearem os objetos, experimentando, pelo toque, as sensações que provocavam, a fim de melhor escolherem. Desse modo, elas podiam “ver com as mãos” e estar junto, explorando os materiais. Cada materialidade ganhou um nome próprio e diferente em cada turma.

As crianças ficaram à vontade para ouvir a história, algumas sentadas, outras deitadas como se estivessem na casa da vovó. Todas muito atentas à história e ao ambiente diferente do que estavam acostumadas. A Velha começava a falar da angústia de não receber cartas, somente contos, e já neste início as crianças interagem com ela, dizendo inclusive que as escreveriam uma carta.

Sempre que questionadas ou instigadas pela Velha, as crianças participaram, criaram histórias, exploram o espaço e os objetos, interagiram, escolheram nome para cada materialidade, inventaram e se apropriaram do espaço e da história narrada. Em suas narrativas, elas expõem aspectos de suas realidades naquilo que criam, tentando entendê-las e significá-las. Assim o conto “A velhinha que dava nome as coisas”, pareceu, pela avaliação da professora contadora auxiliar no processo de identidade das crianças; nos aspectos afetivos, sociais e emocionais, pois permitiu a participação ativa e a criação de novas histórias por meio da ficção.

O contato com as histórias na cultura significa para as crianças o reencontro simbólico com um padrão organizativo - temporal e mesmo rítmico - que elas já vivem em sua experiência com a sucessão dos eventos no tempo: a rotina doméstica, a expectativa pelo aniversário, o ziguezague entre lembrança e imaginação prospectiva que marcam a ação do faz-de-conta. (GIRARDELLO, 2007, p. 11).

Ou seja, as histórias fazem parte da rotina das crianças e é preciso que cada vez mais elas tenham acesso às mais diversas narrativas. Disso decorre a importância de cultivá-las, algo próprio do processo criativo da contadora de história, pois a narrativa dá vida às palavras e à imaginação, atraindo os olhares das crianças e propiciando experiências espontâneas.

Algumas reflexões

Em relação às práticas desenvolvidas, salientamos que os dados apresentados se concentram nas falas, ações, questionamentos e na participação das crianças ao jogarem e se relacionarem com o espaço e com os objetos da contação de história.

As histórias contadas com e para as crianças trouxeram assuntos que nem sempre são conversados no âmbito familiar e escolar e as crianças transitaram por eles de forma lúdica, por meio da fantasia e da brincadeira. Durante as vivências das crianças surgiram falas sobre ladrões, mães solteiras, serviçais, mães que cuidam dos filhos, cozinheira, professora, morte, arte etc. A mediação da contadora junto às crianças possibilitou que elas falassem de temas muitas vezes proibidos ou difíceis para essa faixa etária. Os papéis de gênero apareceram nas suas vozes,

destacando o papel da mulher e as funções que elas desempenham na sociedade, entendendo-a como um ser submisso, frágil, que cuida de todos e todas.

No entanto, durante as dramatizações, a partir da história vivenciada, foi possível perceber nas falas das meninas, que as mulheres sabem liderar e se empoderarem, pois as meninas conseguiram contar cada uma a sua história, expressando suas opiniões. A mediação permeou quase todos os momentos das atividades, visto que o processo criativo acontecia de forma conjunta, com todos interagindo e se relacionando com os objetos e com o espaço e, às vezes, era necessário interferir em situações de disputa de objetos. Esses processos possibilitaram conversar com as crianças sobre vivências e sentimentos, usando a contação de histórias.

Retomando a pergunta inicial: como a organização do espaço e as materialidades podem contribuir para a participação das crianças de três anos nos processos de contação de histórias? Aprendi que é papel da professora ter uma escuta atenta em relação as falas de cada crianças, uma maneira disto acontecer é oportunizar a participação direta dos pequenos nas atividades e que isso é fundamental para que eles possam expressar sentimentos e falar de suas experiências. Nesses processos, a criança pensa, organiza e disponibiliza materialidades no espaço, criando e aprendendo a partir do ambiente, do lúdico e da mediação das professoras.

Então, como construir uma contação de história na contemporaneidade? Acreditamos que será necessário unir os pensamentos, a imaginação e os sonhos das crianças e das professoras/contadoras de histórias para juntos construirmos o futuro das contações em ambientes escolares. Para tanto, esta pesquisa verificou a relevância do uso da Ambientação Cênica, com ressignificação dos espaços, para que essas experiências se fortaleçam e se tornem ainda mais significativas para os pequenos, os quais, por meio delas, terão a oportunidade de explorar o mundo da imaginação, afinal, “o estímulo imaginativo é um dos mais poderosos hormônios da imaginação” (GIRARDELLO, 2011, p. 83). Um tal processo diferenciado está nas mãos das professoras, especialmente, as que atuam com a primeira infância, fase primordial do desenvolvimento humano.

Ao investigarmos o potencial das crianças pequenas para entrarem no universo da contação de história, pegando e tocando os objetos, conhecendo o espaço e o próprio poder de criar histórias, enfim, desbravando o mundo fantasioso por meio das experimentações, foi possível constatar que um ambiente transformado pela inserção de materialidades, é capaz de levar os pequenos a fantasiarem, imaginarem e experimentarem com liberdade, sensibilidade e

criatividade. Nesses momentos, as crianças propunham personagens e histórias para a contação da qual participavam, com novos enredos e outra forma de expressar, jogar e brincar.

Algo a ser destacado é que todas reagiram ao entrarem no local da contação, que havia sido transformado pela professora. Elas demonstraram surpresa com a novidade, além de encanto, tranquilidade, aconchego, medo, interação etc. Ao final da história, as falas, olhares e atitudes das crianças transpareciam deslumbre e interesse pela ideia de que realmente havia uma Vovó naquele lugar e que ela poderia voltar. Crianças e adultos embarcaram juntos na criação de novas histórias, de fato, “as crianças encantam com o possível e o impossível” (SISTO, 2020, p. 23).

A partir da história, da exploração do espaço e das materialidades, as crianças puderam dar vida a novos personagens, criando histórias ao fazerem da imaginação a utopia dos sonhos ficcionais. De fato, se o espaço transformado atraiu a curiosidade dos adultos, além de despertar uma vontade de estar naquele ambiente, imagine como foi para as crianças, que puderam experimentar tudo. De fato, o espaço escolar ressignificado torna-se um lugar de ações e de possibilidades criativas para crianças e professoras.

Durante as atividades, foi possível que as crianças explorassem o espaço e criassem novas histórias em ambientes transformados, descentralizando a narrativa para além da professora, para além da dicotomia aquele que conta e aquele que ouve, numa separação do tipo palco e plateia. Contudo, desenvolver atividades, para que as crianças experimentem, brinquem, dramatizem e criem as próprias histórias, requer a disposição das professoras que atuam com elas. E para obter um bom resultado, é necessário conhecer o histórico das contações de histórias no ambiente familiar delas, mormente, na fase da pandemia, período em que os pais ficaram mais tempo em companhia de seus filhos dentro dos seus lares.

Ressaltamos que as materialidades foram essenciais para as trocas entre as crianças de cada grupo e que esse envolvimento começou no momento em que o lugar foi pensado e preparado para recebê-las. As materialidades são um convite para a brincadeira, em que todas e todos podem socializar, interagir e jogar juntos.

A contação da história, permeada pelas Materialidades e Ambientação Cênica, foi enriquecida com uma afetividade visível nas experimentações e criações. A participação das crianças provocou uma autonomia durante as narrativas entre o imaginar e criar. Ao trilhar esse

universo de narrativas com elas pudemos ver alegria, sonho, curiosidade, cumplicidade, cantoria, experimentação, ação e ficção entre nós.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo:Scipione, 2009.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1975.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**. Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, R.J: Vozes.2012.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. O jogo teatral no contexto do drama. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, NEHAC/UFU, Uberlândia, MG, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/234>. Acesso em: 26 ago. 2022.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec,2012.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1997.

COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In. MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc SãoPaulo, 2015. p. 29-38.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocações e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2020.

FIDALGO, Lúcia. **A importância da arte, da leitura e das histórias na reconstrução social**. TEDxUFRJ, Youtube, 22 ago. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CWxJ2PCH0w0>. Acesso em: 27 set. 2021.

FREITAS, Tharyn Stazak de. **Ambientes e práticas de drama: experiência e imersão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012, p. 152.

GARANHUNS, Valdeck. Folgedos, brincantes e a contação de histórias. In. MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 57-69.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In. FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (orgs.). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições** – Revista da Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 75-92, 2011.

HARTMANN, Luciana; SILVA, Sonaly. Torres. Pequenas resistências: contação de histórias, performance e protagonismo infantil na escola. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, SC, v. 1, n. 34, p. 19-35, 2019.

HARTMANN, Luciana. Crianças contadoras de histórias: narrativa e performance em aulas de teatro. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da UnB**, Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 230-248, 2014.

JANIASKI, Flávia Vale. Caminhos da cena para a educação infantil. **Revista Arte da Cena**, Goiânia, v. 5, n. 1, jan/jun 2019a.

JANIASKI, Flávia Vale. O teatro na educação infantil mediado pela contação de histórias. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 1, p. 135–154, 2019b.

JANIASKI, Flávia Vale. **Colocando um novo ponto em cada conto**: possibilidades de inserção do teatro na educação infantil. 1. ed. São Paulo: Editorial, 2020a.

JANIASKI, Flávia. Process drama e suas possíveis formas de desenvolvimento. **OuvirOUver** – Revista dos Programas de Pós-graduação do Instituto de Artes - UFU, Uberlândia, MG, v. 16, n. 2, p. 359-361, dez, 2020b.

JANIASKI, Flávia Vale. O espaço enquanto influenciador no processo de ensino e aprendizagem teatral. **Textura** - Revista de Educação e Letras, Canoas, RS, Universidade Luterana do Brasil, v. 23, n. 54, p. 156-171, abr./jun. 2021.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Contação de histórias**: tradição poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Vaga Música**. São Paulo: Ed. Global, 2013.

MENEGAZ, Wellington. Dossiê Perspectiva do drama no Brasil. **OuvirOUver** – Revista dos Programas de Pós-graduação do Instituto de Artes - UFU, Uberlândia, MG, v. 16, n. 2, p. 363-374, jul/dez. 2020.

MORAES, Taiza Mara Rauen. Literatura ouvida: a contação de histórias como prática difusora do literário. In. MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 233-237.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear da construção de categorias de gênero até a abjeção. In. Congresso Nacional de Linguística e Filologia, XIV, 2010, Rio de Janeiro – UERJ. [**Anais**], Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010, p.2914-2926.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Drama na educação infantil**: experimentos teatrais com crianças de 02 a 06 anos. 2015. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Centro de Artes,

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RYLANT, Cynthia. **A velhinha que dava nome às coisas**. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. MORES, Ridendo Casrigat (ed). E-book. 2000, p. 54. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf>

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2020.